



A produção audiovisual vem sendo profundamente afetada pelas transformações ocorridas em função da presença e emprego mais intenso e inovador das novas tecnologias da informação e comunicação. Além disso, a globalização e a formação de conglomerados de comunicação e de entretenimento vêm impactando boa parte da produção audiovisual – especialmente a que circula nos meios de comunicação massivos tradicionais – e colocando em risco a diversidade cultural e a democracia na sociedade contemporânea.

Este número da revista *ECO-PÓS*, em sua seção *Dossiê* intitulada **Novas Produções, Experiências e Fronteiras do Audiovisual**, traz contribuições de pesquisadores do Brasil e da Espanha (da Universidad Carlos III, de Madri) que propõem repensar os reflexos das mudanças importantes que vêm ocorrendo no universo do audiovisual.

Abrindo a seção *Dossiê*, Albornoz avalia a trajetória das televisões locais na Espanha e seu papel na normalização lingüística das comunidades regionais. Ainda focada na tevê, Pino problematiza as mudanças nos conteúdos e formatos televisivos e seu impacto sobre as estratégias publicitárias. No artigo seguinte, Fajardo discute estratégias metodológicas para os investigadores interessados na análise de conteúdos ficcionais veiculados na televisão. Em seguida, Virino avalia a relação entre cinema e televisão na Espanha – desde os 1960 até hoje –, tomando como foco de sua análise os filmes baseados em programas de televisão. E, fechando os *papers* mais centrados na tematização da produção audiovisual direcionada para a televisão, Kischinhevsky repensa o papel da emissora de televisão MTV Brasil como um pólo aglutinador de produção local associado ao universo da música, isto é, avalia o papel deste veículo de comunicação como consumidor e mediador de conteúdos gerados por produtoras de TV locais e relativamente independentes.

Encontramos ainda nesta seção um segundo conjunto de artigos mais centrados em avaliar as novas experiências e linguagens que vêm sendo realizadas a partir do emprego de novos dispositivos digitais e de *news media*. Primeiramente, Carvalho analisa algumas novas experiências das artes ditas de imersão, especialmente aquelas capazes de mesclar de forma eficaz ilusão e realidade. Em segundo lugar, temos um *paper* em que Ferreira avalia o impacto da criação de narrativas interativas dos games na expansão do rol de possibilidades de escrita de uma história que contaria com uma participação mais ativa dos usuários.

E, finalmente, um terceiro conjunto de contribuições em que De Marchi repensa não só o conceito de produção independente freqüentemente associado aos pequenos selos e gravadoras de música, mas também o papel desempenhado pelas novas tecnologias digitais nas mudanças recentes na indústria fonográfica brasileira;

e, encerrando a seção *Dossiê*, Vieira Jr. propõe discutir o estatuto do corpo na reconfiguração espaço-temporal operada pelo cinema deste início de século.

Tratando ainda da questão do audiovisual, este número traz uma entrevista com Galvão, assessor da Agência Nacional do Cinema (Ancine). No seu depoimento, ele analisa as dificuldades hoje enfrentadas pela indústria do audiovisual no Brasil e as mudanças que vêm ocorrendo no terreno das políticas públicas.

Além da temática do audiovisual tratada na seção *Dossiê e Entrevista*, o leitor encontrará também nesta edição da *ECO-PÓS* um pequeno artigo (na seção *Nota de Conjuntura*) em que Herschmann analisa a trajetória de um longo e relevante observatório “fiscal” brasileiro – o Observatório da Imprensa – dentro de um contexto marcado pela emergência e expansão dos observatórios ibero-americanos. E, na seção *Portfólio*, Fatorelli apresenta um ensaio fotográfico com imagens digitalizadas – esgarçadas e no limite da figurabilidade – que foram realizadas no centro do Rio de Janeiro.

Este número da revista *ECO-PÓS* traz também uma importante novidade: o lançamento de uma nova seção intitulada *Perspectivas*. Esta seção, diferente das outras que integram a revista, está muito mais aberta ao tratamento de qualquer temática, desde que, evidentemente, a mesma esteja, de alguma forma, em sintonia com a proposta editorial desta publicação científica. Com a criação desta seção, o Programa de Pós-Graduação da ECO/UFRJ busca abrir mais possibilidades de recebimento de contribuições de pesquisadores do Brasil e do exterior, da área de comunicação e, em geral, das ciências sociais.

Quatro artigos compõem esta nova seção neste número. No primeiro, Fouce analisa a importância dos “gêneros” na construção do sentido social no universo da música. Depois, Corrêa analisa algumas das problemáticas que estão atreladas às discussões da crise do Estado-nação que aparecem em dois filmes de grande repercussão social: *Invasões Bárbaras* e *Caché*. Em seguida, Jaguaribe discute as correlações entre as diversas estéticas do realismo presentes hoje e a modernidade cultural. E, finalmente, fechando a seção *Perspectivas*, Tucherman e Ribeiro em seu ensaio avaliam a construção de novas formas de subjetividade, que implicam em outra maneira de se relacionar com o corpo, baseada no controle de riscos.

Esta edição vem ainda com duas resenhas: na primeira, Trotta comenta a recente coletânea organizada por Freire Filho e Janotti Jr. sobre música popular massiva e, na segunda, Marazzi analisa o último livro de Antonio Negri com Giuseppe Cocco sobre a América Latina.

*Micael Herschmann*

Editor